

CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM MÚSICAS REGIONAIS PARAENSES

Lucimar de Oliveira Nazaré¹

Raynon Joel Monteiro Alves²

Altem Nascimento Pontes³

Layane de Oliveira Nazaré Cavalcante⁴

Aldo Nascimento Pontes⁵

Resumo: Este estudo objetivou classificar as músicas regionais paraenses de dois artistas em concepções de Educação Ambiental: conservadora, pragmática e crítica. Fez-se o levantamento na discografia virtual desses cantores/compositores e como resultado obteve-se: 12 músicas relacionadas à concepção conservadora; duas, pragmática; e cinco, crítica. Essas músicas caracterizavam a natureza e visavam incutir a contemplação e a proteção natural, assim como a cultural; e enfatizavam mudanças de mentalidades e ações que podem solucionar problemas, dos mais simples aos complexos. De fato, as músicas regionais podem ser propostas pedagógicas visando a sensibilização das pessoas acerca de sua realidade local e regional e também a formação de cidadãos conscientes, críticos e atuantes na relação sociedade-natureza.

Palavras-chave: Educação; Composições Regionais; Pará; Problemas Socioambientais.

¹Universidade do Estado do Pará. E-mail: lucimarnazare@gmail.com

² Universidade do Estado do Pará. E-mail: raynon_alves@yahoo.com.br

³ Universidade do Estado do Pará. E-mail: altempontes@hotmail.com

⁴ Universidade Federal do Pará. E-mail: layane_nazare2006@hotmail.com

⁵ Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba. E-mail: aldopontes@hotmail.com

Introdução

No Brasil, a Educação Ambiental (EA) foi institucionalizada pelo Governo Federal, em 1973, com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), vinculada à Presidência da República; e a Constituição Federal, em 1988, estabeleceu, no inciso VI do artigo 225, a necessidade de "*promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente*" (HENRIQUES *et al.*, 2007). Entende-se por EA os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Em seu conceito mais amplo, a EA surge como um processo socioeducativo que tem por finalidade reformular positivamente os atores sociais para entender a realidade e nela atuar de maneira consciente e responsável, tendo em vista a qualidade de vida individual, coletiva e do planeta (LOUREIRO, 2002). A EA existe para um bem maior, mas essa pode ser encontrada em diferentes tendências, dimensões, correntes, concepções, categorias – com complexidades variáveis. Esta pluralidade é categorizada, em distintas formas, por vários autores (SORRENTINO, 1998; SUAVÉ, 2005; TOZONI-REIS, 2007).

Dentre as diferentes formas de categorizá-la, optou-se para este estudo três concepções: a *conservadora*, de origem ambientalista, que apresenta vínculos afetivos do homem com a natureza, enfoque na valorização e na proteção ambiental; a *pragmática*, que busca a solução de problemas ambientais por meio da legislação estabelecida e a associação entre desenvolvimento econômico e sustentabilidade; e a *crítica*, de caráter interdisciplinar para o entendimento da problemática socioambiental, mudança de comportamento coletivo e a formação de sujeitos ecológicos (SILVA; CAMPINA, 2011).

A EA, em suas distintas facetas, pode ser encontrada em vários meios de comunicação, com objetivos de informar e sensibilizar o leitor ou o ouvinte sobre determinada situação. De acordo com Vieira e Henning (2012), a mídia tornou-se atualmente um importante veículo de propagação da EA entre a população, visando formar indivíduos com diferentes modos de ser e viver na contemporaneidade. Para tanto, a música é concebida como uma estratégia de ensino voltada à Educação Ambiental (MARIN; PEREIRA, 2009).

Em músicas locais e regionais é possível identificar trechos que enfatizam os problemas socioambientais, valorização da cultura, modo de vida amazônico e ideias preservacionistas/conservacionistas em relação aos recursos naturais (ALVES; PONTES, 2017). Diante disso, o objetivo deste estudo foi categorizar em três concepções – conservadora, pragmática e crítica - as músicas relacionadas à EA de artistas paraenses.

Concepções de Educação Ambiental: conservadora, pragmática e crítica

A EA Conservadora reflete sobre os paradigmas da sociedade moderna, visando privilegiar ou promover o aspecto cognitivo do processo pedagógico, acreditando que ao transmitir o conhecimento correto o indivíduo compreenderá a problemática socioambiental, transformando a si próprio e a sociedade (MMA, 2004). Esta ideologia é originária de práticas ambientalistas, no contexto internacional, por isso tem como palavras-chave: natureza, conservação, proteção e destruição, além de que, praticamente, não aborda questões sociais e políticas, isto é, são apresentados apenas os problemas ambientais de forma superficial, desconsiderando as causas mais profundas (SILVA; CAMPINA, 2011).

Desta forma, é comum encontrar em ambientes escolares esta concepção de EA, pois é a de mais fácil compreensão, por se tratar de uma visão reducionista de observar e compreender o meio ambiente, porém, em opinião particular, deve ser a base para a promoção das ideias mais complexas, como a pragmática e a crítica, por exemplo. De acordo com Silva *et al.* (2013), a EA Conservadora é representada pelas atividades de contemplação da natureza, datas comemorativas e atividades de contato com a natureza. Neste cenário, as ações desenvolvidas têm por principal objetivo inculcar em seus participantes a contemplação e a valorização ambiental e, em seguida, a adoção de práticas simples e sustentáveis para preservar/conservar a natureza ou determinado recurso natural.

Conforme Guimarães (2004), a concepção conservadora da EA tem alicerce numa visão de mundo em que a realidade é fragmentada, simplificada e reduzida, perdendo a riqueza e a diversidade da relação, afinal, o foco da prática pedagógica é no indivíduo (na parte) e na transformação de seu comportamento (educação individualista e comportamentalista). Ainda de acordo com o autor, a educação é uma relação e se dá no processo e não, simplesmente, no sucesso da mudança comportamental de um indivíduo.

No Brasil, sob influência da ditadura militar, ao se evitar a politização dos espaços educativos, a EA passou a ser uma ação governamental que primava pela dissociação entre o ambiental e o educativo-político, possibilitando a multiplicação de discursos ingênuos e naturalistas e a prática focada na sensibilização do “humano” perante o “meio natural”, ambos desvinculados dos debates sobre modelos societários como um todo (LOUREIRO, 2004). Conforme este autor, a EA ganhou visibilidade como instrumento de finalidade exclusivamente pragmática, isto é, em programas e projetos voltados para a resolução de problemas enquadrados como ambientais e como mecanismo de adequação comportamental ao que genericamente chamou-se de “ecologicamente correto”.

A EA Pragmática evidencia “*que somos capazes de resolver problemas numa postura individual de ação, acarretando a transferência de responsabilidade da esfera pública para a dimensão subjetiva*” (GRÜN, 1996). Por isso, resume-se em quatro palavras: mudança comportamental, técnica,

solução e desenvolvimento sustentável (SILVA; CAMPINA, 2011). Sua principal característica é a mudança de comportamento individual por meio da quantidade de informações e leis, que surgem como soluções prontas, além de que é exigido atitudes que devem ser efetivas e bem-sucedidas, em um curto espaço de tempo, para solucionar problemas socioambientais com resultados rápidos (SILVA *et al.*, 2013).

Por sua vez, a EA Crítica tem por objetivo promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que se possa, nestes ambientes, superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, onde educandos e educadores estejam se formando e contribuindo pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que se vivencia atualmente (MMA, 2004). Neste contexto, é possível verificar que excede à ideia de natureza como espaço estético, de recursos disponíveis e para contemplação-proteção, a finalidade é construir cidadãos conscientes e atuantes, buscando entender os inúmeros fatores, de diferentes origens, que permeiam a relação homem *versus* natureza.

No contexto educacional, essa perspectiva propõe a constituição de uma ação educativa orientada para a transformação das estruturas econômicas, políticas e sociais vigentes, onde a mudança de comportamentos individuais é substituída pela construção de uma cultura cidadã e pela formação de atitudes ecológicas, o que supõe a formação de um sentido de responsabilidade ética e social (CARVALHO, 2004). Nesta dimensão, as palavras-chave são: subjetividade, interdisciplinaridade, atitudes, cidadania ativa, sociedades sustentáveis (SILVA; CAMPINA, 2011).

A EA Crítica busca a partir dos mesmos referenciais constitutivos da crise socioambiental, encontrar uma solução para o conflito, de forma crítica, o que para isso, torna-se necessário a construção do conhecimento por meio da interpretação da realidade pela interdisciplinaridade e uma visão ampliada (GUIMARÃES, 2004). No campo libertário, a EA apresenta-se em abordagens similares (emancipatória, crítica, popular, ecopedagógica, transformadora, entre outras), cujo mérito é de estimular o diálogo democrático, qualificado e respeitoso entre todos os educadores ambientais ao promover o questionamento às abordagens comportamentalistas, reducionistas ou dualistas no entendimento da relação cultura-natureza (LOUREIRO, 2004).

As músicas (regionais paraenses) como instrumento de Educação Ambiental

Ao longo dos tempos, a música passou por vários níveis de importância e transformações, fazendo parte inicialmente do cotidiano expressivo, comunicativo e religioso do homem, contribuindo fortemente também para a formação ética e social de alguns povos e assumindo a importante finalidade de construção do conhecimento do indivíduo (CARRARO, 2011). Da mesma forma, é sabido que a música é uma forma de criação e manifestação cultural

Revbea, São Paulo, V. 12, Nº 5: 41-55, 2017.

presente em distintos espaços, configurando-se num processo identitário (NABAES, 2008).

Neste contexto, o Estado do Pará é conhecido mundialmente por seu vasto repertório, compositores e cantores renomados, que expressam por meio da música e poeticidade assuntos diversos, de temas cotidianos até aos mais relevantes sob a perspectiva de EA. De acordo com Pressler e Guinalz (2007), a música paraense se destaca pela variedade de artistas como Nilson Chaves, Lucinha Bastos, Sebastião Tapajós, Fafá de Belém, Leila Pinheiro, artistas de diferentes gêneros e estilos musicais, como: como carimbó, siriá e brega, entre outros, que envolvem desde o público erudito até o popular.

A música, por diferir por localidades, assuntos e contextos, pode ser usada no processo educativo, quando se trata de questões importantes para o bem-estar da sociedade, em coerência com a realidade local. Desta forma, particularizando os problemas socioambientais, Rodrigues e Colesanti (2008) relataram que o conteúdo visual, a música e o compartilhamento das informações entre os agentes do processo educacional que a hipermídia pode propiciar devem otimizar o processo de sensibilização e a identificação dos problemas ambientais, levando à reflexão sobre a urgência da mudança dos atuais padrões de uso e distribuição dos bens ambientais.

Neste aspecto, há de considerar a capacidade que a música tem em sensibilizar um sujeito que entoa ou apenas escuta um trecho musical (MARIN; PEREIRA, 2009), afinal, trabalhar as questões ambientais por meio de recursos (imagens, vídeos, músicas) se torna indispensável, pois não se atingirá a proposta de educação transformadora se não forem trabalhadas as emoções (SILVA, 2007). Daí a importância em utilizar os recursos já existentes e pertinentes à realidade como estratégia educativa, principalmente quanto à Educação voltada ao Meio Ambiente, numa abordagem interdisciplinar e de livre acesso entre o público de diferentes tipologias. Aliás, as músicas regionais paraenses têm potencial para disseminar e incutir nos ouvintes a essência da EA, uma vez que, em particular, descrevem a realidade de Belém, do Pará e da Amazônia.

Metodologia

Primeiramente, foi-se realizada uma revisão da literatura sobre o tema e, em seguida, optou-se por três concepções inerentes à EA distintas tocantes ao assunto: *Conservadora*, *Pragmática* e *Crítica*. Para tanto, teve-se como base o estudo de Silva e Campina (2011), uma vez que os mesmos propõem uma discussão sobre a questão ambiental a partir do uso dos meios de comunicação, sendo que, neste caso, foram consideradas as músicas regionais do Estado do Pará, que são canais de transmissão de ideias.

Posteriormente, optou-se por fazer o levantamento das músicas regionais de dois artistas paraenses: Nilson Chaves e Lucinha Bastos. Estes artistas apresentam fortes laços com a cultura regional, o que pode ser confirmado pela intensa produção fonográfica ao longo dos anos, além da

Revbea, São Paulo, V. 12, Nº 5: 41-55, 2017.

apresentação de shows fortemente relacionados à cultura regional paraense. Além disso, os mesmos estão em plena atividade como compositores e cantores, disseminando o modo de vida, as lendas, a culinária, a biodiversidade, os conflitos socioambientais, ou seja, aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais do Pará.

O procedimento de coleta de dados ocorreu por meio de busca na discografia virtual dos dois cantores/compositores quanto às letras musicais relacionadas à EA. Em seguida, estas foram analisadas e categorizadas conforme as três concepções supracitadas, sendo utilizadas na discussão trechos pertinentes das músicas.

Resultados e discussão

Entre as músicas analisadas, classificaram-se 12 como EA Conservadora, uma vez que discorriam sobre a natureza em seus aspectos ambientais e estéticos, com intuito de inculcar a contemplação e a conservação/preservação do meio natural nas pessoas. Neste estudo, observou-se que não apenas os elementos naturais (animais, frutas, floresta, chuva, praia, baía) foram mencionados, mas também o forte apelo cultural pelos cantos e danças paraenses (carimbó, lundú e siriá), patrimônio histórico (Ver-o-Peso, Estação das Docas), centros urbanos (Belém, São Luís), lendas amazônicas (Lenda do Boto, da Curupira e da Cobra-Grande), festas religiosas (Círio de Nazaré), times de futebol (Paysandu e Remo), comidas típicas (pato no tucupi, tacacá), dialeto (Pai d'égua), que são características da Região Norte do Brasil, em especial, do Estado do Pará (Quadro 1, próxima página).

Notou-se que o intuito foi demonstrar tais aspectos culturais e ambientais do Pará, da Amazônia Brasileira, que é formado por um povo heterogêneo, de diferentes culturas, etnias e gostos, de distintos patrimônios materiais e imateriais, a fim de que haja a valorização por parte dos ouvintes (conterrâneos ou não), além de despertar neles a preocupação pela proteção dessas particularidades. Assim como nas letras musicais do carimbó de Marapanim-PA, as composições podem fazer menção ao meio ambiente, cultura e EA, transmitindo aos ouvintes mensagens sobre a caracterização e a preservação/conservação do meio natural e cultural, associando dança, música e poeticidade (ALVES; PONTES, 2017), como canal de comunicação. Nesse caso, a poesia – transformada em música – é revestida de uma poeticidade inspirada no meio ambiente (MONTEIRO, 2012) e inclui aspectos da sociedade, pois ambos estão relacionados.

Quadro 1: Músicas com características de EA conservadora.

Não peguei o Ita	Pai d'égua	Sabor Açaí
<p>Por sobre a floresta amazônica, o meu destino de cantador (...) Você sabe dançar e cantar o carimbó? Eu sei! A baía mais linda que há é a do Guajará, meu bem. (...) Eu trago a coragem na voz, Mestre Lucindo é cantador. Mangueiras resistem ao tempo e ao universo devastador. O bosque "Rodrigues" não é a Lagoa do Rio, mas nele a vida habita, engravida no cio. (...) Eu quero poder compreender e viver mais além, tomar tacacá numa tarde da bela Belém, viver teu calor, ir à praça e poder cochichar com a chuva. Você sabe dançar e cantar o siriá? Eu sei! Este aqui não é o Rio de Janeiro, mas é o Rio Guamá, meu bem. Vai ter show hoje no Preamar, tem a feira pra tapiocar. (...) Não peguei o Ita!</p>	<p>Quem não conhece o Pará, já perdeu Porque o que aconteceu Num dia, no outro não tem A gente basta parar para ver Que é diferente e porque Jamais se esquece Belém Existe um termo chamado Pai d'égua (...) Pai d'égua é dia de sol em Mosqueiro Salinas ou Marajó do outro lado Pai d'égua é a rede é o vento é o cheiro Do Bacuri ou do Pato no Tucupi caprichado Pai d'égua é Remo e Paysandu jogando É o Círio de Nazaré na avenida Pai d'égua é a moça que passa flertando Naquele quero-não-quero Que é o gostoso da vida LaLaLaia LaLaLaia Quem vai ao Pará parou Bebeu Açaí, por lá ficou</p>	<p>E prá que tu foi plantado E prá que tu foi plantada Prá invadir a nossa mesa E abastar a nossa casa... (...) A mais magra das palmeiras Mas mulher do sangue grosso E homem do sangue vasto Tu te entrega até o carço... E tua fruta vai rolando Para os nossos alguidares Tu te entregas ao sacrifício Fruta santa, fruta mártir Tens o dom de seres muito Onde muitos não têm nada Uns te chamam açazeiro Outros te chamam juçara... Põe tapioca Põe farinha d'água Põe açúcar Não põe nada Ou me bebe como um suco Que eu sou muito mais que um fruto Sou sabor marajoara Sou sabor marajoara Sou sabor... (2x)</p>

Continua...

...continuação.

Tô Belém	Destino Marajoara	Flor d'água
<p>No meu corpo faz calor, é sinal que vai chover. Hoje tô minha cidade, esperando por você. (...) O dia inteiro, o Peso aberto, cheio de coisas pra você; o feirante encantado sempre pronto a lhe atender.</p> <p>Tome um pôster do Mercado pra nunca me esquecer, prove os pratos variados que ofereço pra você. Hoje em mim é feriado, na estação tudo é lazer. Dê um pulo nos teatros e me ouça com prazer através dos meus cantores, (...) eu sou Mosqueiro, sou carimbó, índio moleque paraoara. Círio de Nazaré, ilha do Marajó, Icoaraci, brega e marujada. Sou Amazônia, eu sou RE X PA! sabor de fruta marajoara, mestre Pinduca, Rui, Waldemar, Feliz Lusitânia, Paraoara. Tô Belém só pra você.</p>	<p>Quando me dei conta Eu cantava Amazônia Era um rio de beleza Navegando em minha voz O céu do Marajó O canto do curió Baía do Sol, quando dei por mim Um curumim vibrava aqui O coração de cantador, sorrir, aqui, assim Destino Marajoara (...) Sina, sina, sina Ajuruteua, Salinas Tudo que aprendo me ensina O prazer de te cantar Sina, sina, sina Luar de Mosqueiro fascina A marujada me anima Adoro o teu sirirá Quando fiz as malas Pra correr o mundo Mergulhei meus olhos No fogo do teu calor O límpido igarapé O Círio de Nazaré Alter do Chão, não fique distante Não te esqueci nenhum segundo Teu amuleto está no mundo Em mim, aqui, assim (...)</p>	<p>Praça da República Praça Batista Campos Nesses bancos Sento sobre o meu passado Praça da República Praça Batista Campos Nesses bancos Sonho com minha Cidade Imagem, preguiça... Mormaço, minha flor d'água. Paisagem bubuia No tempo Da minha flor d'água... Venha mestre Verequete Seu foguete lançado no mar Guamá, Guamá Cupijó tá na proa contente Seu setenta e Lucindo tão lá, Remar, remar... Eu mergulho no rio da m'ia gente Desafogo e me dano a cantar.</p>

Continua...

...continuação.

Amazônia	Flor do Grão-Pará	Bom dia Belém
O curupira sim saiu de mim, saiu de mim, saiu de mim... Sei cantar o "tár" do carimbó, do siriá e do lundú O caboclo lá de Cametá e o índio do Xingu Tenho a força do muiraquitã Sou pipira das manhãs Sou o boto, igarapé Sou rio Negro e Tocantins Samaúma da floresta, peixe-boi e jabuti Mururé filho da selva A boiúna está em mim.	Sim, eu tenho a cara do Pará O calor do carimbó O uirapuru que sonha Sou muito mais, Eu sou, Amazônia Rosa flor vem plantar mangueira E o cheira-cheira do tacacá Meu amor ata a baladeira E balança a beira do rio mar Belém, Belém acordou a feira Que é bem na beira do Guajará Belém, Belém, menina morena Vem Ver-o-Peso do meu cantar Belém, Belém és minha bandeira És a flor que cheira do Grão Pará Belém, Belém do Pará Natinga Do bar do parque do bafafá Bem-te-vi, sabiá, palmeira Não dá baladeira Deixa voar Belém, Belém acordou a feira Que é bem na beira do Guajará Belém, Belém, menina morena	(...) Onde anda meu povo, meu rio, meu peixe, Meu sol, minha rede, meu tambatajá A sesta, o sossego da tarde descalça, o sono suado do amor que se dá E o orvalho invisível na flor se embrulhando (...) Procuo a lembrança da infância na grama Dos campos tranquilos do meu Marajó Belém minha terra, minha casa, meu chão Meu sol de janeiro a janeiro a suar Me beija, me abraça que quero matar A doída saudade que quer me acabar Sem círio da Virgem, sem cheiro cheiroso Sem a "chuva das duas " que não pode faltar Cochilo saudades na noite abanando Teu leque de estrelas, Belém do Pará!

Continua...

...continuação.

La Amazon	Estrela da Mata	A força que vem das ruas
<p>Eu sou brasileiro brasileiro da Amazônia, brasileiro sonhador, sou brasileiro do Pará, tenho o tempero de Belém , eu tenho o cheiro, sou norte com muito amor (2x). Brasileiro, batuqueiro, marabaixo, Macapá, sou garantido, caprichoso, boi- bumbá, sou Rio Branco, Porto Velho, Boa Vista,, pororoca, carimbó, marajoara, eu sou nortista, meu coração bate palmas no Tocantins, de repente eu troco passo e já estou no Maranhão dançando reggae-boi em São Luís, na ilha do amor, dançando reggae-oi em São Luís na ilha do amor (...)</p>	<p>(...) De tarde cai a chuva Pra molhar mangueira, mangueira, mangueira O verde Ver-o-peso no Solar da Beira, da beira. O vento traz a chuva pra molhar mangueira, De tarde vem o cheiro Da tacacazeira, cazeira, cazeira no ar. Quero ver meu bem, yo quero. Nas noites de Belém, Porto da Estação, passo da ladeira, Baía do Guajará. A samaumeira, Estrela da mata, Doca distração, Vamos Ver-o- rio e a beira do rio Guamá, Toca a saideira, Estrela da mata (...) Chopp na Estação, Forte do Castelo, a Feira do açaí, as Onze janelas, Estrela da mata (..) Muy buenas noches estava a cantar Una canción a Belém do Pará Ao meu bem do Pará E pra quem visitar Ao meu bem do Pará E mais quem visitar Belém, você me dá água na boca</p>	<p>Belém, Belém, Belém Será que tá tudo bem Belém, Belém, Belém Será que tá Tudo bem, tudo bem A música na praça O boi fazendo graça É Ronaldo e seus meninos Ensinando a nação Que o futuro tá no centro da cultura Da cultura popular, popular E taca carimbó De Pinduca, de Lucindo, Cupijó Verequete, pavulagem Dos meninos Eduardo, Taynara e Cavalero Vão tocar no preamar, preamar O couro treme a terra De Fabico, de setenta Malhadinho de bandeira Seu Rufino, seu Joaquim Laurentina muito linda quando canta Dá vontade de chorar, de chorar O grande capitão Nos boca-de-ferro Da Pedreira, Marambaia Terra-Firme, Sacramenta Marituba, Ananindeua, Icoaraci, do Benguí, pro Guamá, Pro Guamá</p>

Fonte: Autoria própria.

Em relação à EA Pragmática contida nas letras musicais analisadas, verificou-se que há apenas resquícios dessa concepção, com pouca frequência, uma vez que foram classificados apenas dois trechos de músicas (Quadro 2). Um deles discorre sobre os rios, Guamá e Tocantins, e o desmatamento como um problema ambiental que tende a afetar a dinâmica desses corpos hídricos, e assim enfatizou: “*não matem o mato inteiro*” para que “*não morra o Rio Guamá*”. Outro trecho: “*Rosa flor, vem plantar mangueira*”, ao considerar o contexto da composição, correspondeu a adoção de uma postura individual que visa o (re)conhecimento, a valorização e o apreço pelo modo de vida do povo belenense (Quadro 2). No entanto, essas músicas não mencionaram normas e leis já existentes que visam mudanças de comportamento individual e coletivo para solucionar os problemas socioambientais. De acordo com Crespo (1998) e Silva e Campina (2011), a EA Pragmática apresenta o foco na ação, na busca de soluções para as questões ambientais e na suposição de normas a serem adotadas, pois tem suas primícias no movimento ambientalista pragmático.

Quadro 2: Músicas com características de EA Pragmática.

Toca Tocantins	Flor do Grão-Pará
(...)	(...)
Toca Tocantins	Rosa flor vem plantar mangueira
Tuas águas para o mar	E o cheira-cheira do tacacá
É lá o teu destino	Meu amor ata a baladeira
Aqui não é teu lugar	E balança a beira do rio mar
Que viva o açazeiro	Belém, Belém acordou a feira
A arara e o tamuatá	Que é bem na beira do Guajará
Não matem o mato inteiro	Belém, Belém, menina morena
Não morra o rio Guamá	Vem Ver-o-Peso do meu cantar
Toca Tocantins	Belém, Belém és minha bandeira
Tuas águas para o mar (...)	És a flor que cheira do Grão-Pará (...)

Fonte: Autoria própria.

Considerando a EA Crítica, foram classificadas cinco músicas, as quais refletiam sobre a realidade subumana de pessoas sem teto – vulgo, moradores de rua –, inclusive crianças, que vivem em condições de miséria e marginalizadas, assim como a falta de sensibilização das pessoas que as discriminam; quanto à criminalidade, que atinge a cidade de Belém e seus pontos turísticos, como o Ver-o-Peso, uma situação complexa que envolve “*vida, sonho e medo, lama, fama, fome, riso e dor*” (Quadro 3). Da mesma forma, tais músicas discorriam sobre a cultura nortista, geralmente, numa visão distorcida por outras regiões, desvalorizada por muitos, vista apenas como povoado de índios canibais: “*nossos índios não comem ninguém*”, e como fonte de recursos exploráveis, bem como à ruptura de costumes e tradições a partir da miscigenação ou adesão de outras culturas: “*agora é só hambúrguer*”; também retrata sobre assuntos ambientais, como a destruição da camada de ozônio, que afeta o equilíbrio da natureza e o bem-estar humano, que é um tema discutido desde a Revolução Industrial em busca de soluções para “*que a vida não tenha final*” (Quadro 3).

Quadro 3: Músicas com características de EA Crítica.

Tudo manga	Um bicho nas ruas	Belém, Pará, Brasil
<p>Sob a chuva da cidade um moleque sai pulando Short velho encardido, pelas ruas vai correndo Vai pequeno, vai moleque.</p> <p>Cheio de sonho e virtude Abre a mão e apara a manga, orgulhoso feito um Conde</p> <p>Sem querer de tudo manga faz caretas e amiúde Ao homem que o repreenda e que condene sua atitude</p> <p>Traz a fome no semblante, seus olhinhos de moleque Brilham mais que diamante, mesmo assim mostra saúde</p> <p>Ôoo ôoo Pros homens tá tudo mal Ôoo ôoo Pra ele tá tudo manga</p> <p>Joga pedra na mangueira, erra e acerta na vidraça Desembesta na carreira, grita o PM na praça</p> <p>Sempre sai pela tangente e escapole da mulher Vai tocando as campainhas das mansões de Nazaré</p> <p>Sempre que volta pra casa pula o muro do sobrado Dá-lhe um tapa no jambeiro e é taxado de atentado</p> <p>Traz a fome no semblante, seus olhinhos de moleque Brilham mais que diamante, mesmo assim mostra saúde</p> <p>Moleque se tu soubesses o quanto eu lembro de mim Te Vendo de boca suja chupando manga assim.</p>	<p>Eu nunca vi um cavalo, galinha, cabrito e gado qualquer outro animal nas ruas abandonado</p> <p>No entanto aí vem o bicho andando entre os automóveis sem que ninguém lhe olhe nos grandes olhos imóveis</p> <p>Ninguém lhe dá de comer nem lhe leva a passear Ninguém lhe lava os pelos ninguém o quer afagar como se afaga um cão ou se joga milho aos pombos</p> <p>Tem dois olhos, duas mãos e às vezes no peito um bumbo.</p> <p>Tem dois olhos, duas mãos Pode escrever a Ilíada Pode sentir saudade Pode ganhar Olimpíada Pode morrer na cruz Pode até pisar na lua, Dentro dele mora a luz Igual a minha e a tua.</p> <p>É mais que um mico-leão bem maior que uma baleia nele habita o sim e o não.</p> <p>Nele uma luz se ateia Luz humana que incendeia não que ilumina seu sonho, Em um súbito se ateia um sentimento medonho, Sentimento que clareia seus grandes olhos imóveis, Terrível dor que passeia a noite entre os automóveis.</p> <p>Oh oh oh! o bicho nas ruas</p> <p>(...)</p>	<p>Vão destruir o Ver-o-Peso e construir um shopping center Vão derrubar o Palacete Pinho pra fazer um condomínio</p> <p>Coitada da Cidade Velha que foi vendida pra Hollywood Pra ser usada como um albergue num novo filme do Spielberg</p> <p>Quem quiser venha ver Mas só um de cada vez Não queremos nossos jacarés Tropeçando em vocês</p> <p>A culpa é da mentalidade Criada sobre a região Por que que tanta gente teme? Norte não é com "M"</p> <p>Nossos índios não comem ninguém Agora é só hambúrguer Por que ninguém nos leva a sério? Só o nosso minério? Quem quiser venha ver Mas só um de cada vez</p> <p>Não queremos nossos jacarés Tropeçando em vocês Aqui a gente toma guaraná quando não tem coca-cola</p> <p>Chega das coisas da terra que o que é bom vem lá de fora Transformados até a alma sem cultura e opinião</p> <p>O Nortista só queria fazer parte da nação</p> <p>Ah, chega de malfeitorias Ah, chega de triste rima Devolvam a nossa cultura Queremos o Norte lá em cima Porque, onde já se viu ? Isso é Belém Isso é Pará Isso é Brasil</p>

Continua...

...continuação;

O sonho de Xamã	Os pregões
Muito tempo depois deste sonho, A ciência pode então descobrir, Que o buraco na camada de ozônio, É por onde o céu pode cair O meu sonho é que nada aconteça Que a vida não tenha final Que o xamã não desapareça Que o sonho não seja real	(...) Olha ali, lá vai um ladrão Olha o rapa vai te prender Olha o rapa vai te prender Isso é o Ver-o-peso E tudo tem por cá Vida, sonho e medo Lama, fama, fome, riso e dor (...)

Fonte: Autoria própria.

Toda criação artística, como a música, em particular, é uma manifestação e expressão do homem, podendo ser influenciada por aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e de relações humanas, e por isso é um campo privilegiado para abordar questões e temas importantes do dia-a-dia (VIEIRA; HENNING, 2012) e, ultimamente, estando sendo usada em processos educativos. No contexto educacional, é sugerível a constituição de uma ação educativa orientada para a transformação das estruturas econômicas, políticas e sociais vigentes (REIGOTA, 1995), visando respostas aos problemas socioambientais, em sua complexidade. A concepção crítica de EA, que é mais elaborada, também foi encontrada em composições de Carimbó considerando aspectos políticos, éticos, sociais e ambientais, levando o ouvinte à criticidade sobre os problemas vigentes na sociedade (ALVES; PONTES, 2017).

Conclusões

As músicas regionais quando relacionadas à EA podem caracterizar a natureza, nos seus aspectos naturais e humanos, e incutir a contemplação natural e cultural; enfatizar mudanças de mentalidades e ações para solucionar problemas vigentes; e até expressar assuntos mais complexos, como a exclusão e vulnerabilidade sociais, uma vez que os cantores/compositores estão mais próximos da realidade e assim têm mais propriedade para transmitir os fatos ocorridos em forma de poesia e música.

A socialização da EA, em suas várias concepções, é facilitada por intermédio dessas músicas, permitindo o leitor/ouvinte a (re)conhecer os elementos naturais, humanos e culturais de uma determinada região, bem como os problemas socioambientais, suas causas e efeitos, e até um posicionamento crítico e atuante diante da problemática socioambiental em que está inserido.

Diante disso, as músicas regionais são propostas pedagógicas que podem ser trabalhadas, de forma interdisciplinar, objetivando a sensibilização das pessoas acerca de sua realidade local e regional. Então, trabalhar as concepções de EA com músicas regionais é uma forma de associar Educação,

Revbea, São Paulo, V. 12, Nº 5: 41-55, 2017.

Meio Ambiente, Cultura e Interdisciplinaridade, com o intuito de formar cidadãos conscientes, críticos e atuantes na relação sociedade-natureza.

Referências

ALVES; R.J.M.; PONTES, A.N. A cultura, o meio ambiente e a educação ambiental nas letras musicais do carimbó de Marapanim (PA). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 155-164, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CARRARO, C. Música e educação – o contrabaixo e a bossa: uma perspectiva histórica e prática. **Projeto Passo fundo**, 2011.

CRESPO, S. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no programa da Agenda 21. *In*: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L. **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. 211-225p.

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. *In*: LAYRARGUES, P.P. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 25-34p.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental**: uma conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996.

HENRIQUES, R. *et al.* Marcos Institucionais. *In*: Educação ambiental; Aprendizagem de sustentabilidade. **Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e diversidade**, 2007. 12-19p.

LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da Cidadania ecológica e planetária. *In*: LOUREIRO, C F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Orgs.) **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C.F.B. Educar, participar e transformar em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, p. 13-20, 2004.

MARIN, A.A.; PEREIRA, C.A. Sons, corpo, sensibilização: diálogos entre a música e a Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 401-416, 2009.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Identidades da educação ambiental brasileira**, 2004. 156p.

MONTEIRO, V.P. Tambores da floresta: o estudo da performance do tambor carimbó no carimbó de Salinópolis, no Estado do Pará. *In*: Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, **Anais**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 934-944, 2012.

Revbea, São Paulo, V. 12, Nº 5: 41-55, 2017.

NABAES, T.O. Natureza social e apreciação musical: considerações. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 21, n. 2, p. 217-226, 2008.

PRESSLER, N.G.S.; GUINALZ, J.P. O brega paraense: as modificações da cultura popular no espaço urbano. In: XII encontro da associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, **Anais...** 2007.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

RODRIGUES, G.S.S.C.; COLESANTI, M.T.M. Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 51-66, 2008.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SILVA, R.L.F. O meio ambiente por trás da tela – estudos das concepções de educação ambiental dos filmes da TV Escola. **Tese** (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, USP, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25042007-104315/en.php>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SILVA, R.L.F.; CAMPINA, N.N. Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 6, n. 1, p. 29-46, 2011.

SILVA, L.M.; BATALHA, S.S.A.; HORA, N.N.; PONTES, A.N. Educação ambiental a partir da valorização da cultura regional do estado do Pará. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 30, n. 2, p. 290-303, 2013.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Thessaloniki, a Educação Ambiental no Brasil. In: CASCINO, F.; JACOBI, P.; OLIVEIRA, J.F. (Org.). **Educação, Meio Ambiente e Cidadania: reflexões e experiências**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente/Coordenadoria de Educação Ambiental. São Paulo: 1998. p. 27-32.

TOZONI-REIS, M.F.C. Contribuições para uma pedagogia crítica da Educação Ambiental: reflexões teóricas. In: LOUREIRO, C.F.B. (Org.). **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: QUARTET, 2007. p. 177-219.

VIEIRA, V.T.; HENNING, P.C. Atravessamentos culturais e crise ambiental na atualidade: modos ecológicos de vida no rock´n roll. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 434-448, 2012.